



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JORGE LUIZ BRANDLI FERNANDES

Entrevista

2015

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-582

Entrevistado: Jorge Luiz Brandli Fernandes

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Escola Estadual Margarida Lopes, Santa Maria - RS

Entrevistadoras: Jamile Mezzomo Klanovicz e Pamela Siqueira Joras

Data da entrevista: 20/07/2015

Transcrição: Adriana Zimmermann

Copidesque: Jamile Mezzomo Klanovicz

Pesquisa: Jamile Mezzomo Klanovicz

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 43 minutos e 19 segundos.

Páginas Digitadas: 19 páginas

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início e formação no esporte; Técnico de Handebol; Competições de Handebol; Curso de árbitros; Início do Handebol no Rio Grande do Sul; Fundação da Federação Gaúcha de Handebol; Participação do Handebol em campeonatos; Papel da Federação Gaúcha de Handebol e da Confederação Brasileira de Handebol; Projeto de visibilidade para o Handebol

Santa Maria, 20 de julho de 2015, entrevista com Jorge Luiz Brandli Fernandes a cargo das pesquisadoras Jamile Mezzomo Klanovicz e Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias para o Centro de Memória do Esporte.

J. K. – Bom professor eu queria que começasse me contando um pouco da sua formação e como iniciou no esporte.

J. F. – Bom eu tive o primeiro contato como espectador da modalidade lá nos idos de 1975 quando eu era interno no Colégio Agrícola Antônio Alves Ramos, no Patronato. Como eu era interno, a nós era proibida a participação em qualquer modalidade esportiva. A escola tinha futebol, tinha handebol, tinha voleibol, mas nós, enquanto internos, não podíamos participar das equipes. Me chamou a atenção o handebol dali, a equipe feminina que foi uma das equipes que teve boa representação no município e níveis de estado, muitas atletas surgiram de lá, algumas foram minhas colegas, enfim, no masculino também foi quando começou a ter uma movimentação maior com a formação e a participação deles no handebol da Universidade Federal de Santa Maria, do masculino. Então me chamou a atenção lá em 1975. Depois em 1977 eu comecei a praticar, porque eu saí do sistema de regime interno, para ser semi externo e a minha primeira atitude foi participar, ingressar na equipe de handebol do Patronato, mas eu acabei ingressando muito velho nos padrões que hoje... Já com quinze anos, porque não era permitido. Lá eu cursei dois anos e fui para o Maria Rocha¹ e no Maria Rocha eu continuei com a modalidade, praticando na modalidade e tive um grande incentivador que foi o professor lá no Patronato... É importante a gente citar as pessoas. Assim: eu comecei com o professor Romildo Paes de Oliveira², então, o primeiro cara que me deu a *oportunidade* de conhecer a modalidade foi o professor Romildo. Depois eu fui para o Maria Rocha e lá eu tive um dos meus grandes mestres incentivadores, e foi por ele que eu acabei na Educação Física: o professor Nilton Eli Paes Pereira³ que me abriu as portas também e foi dali que eu entrei para a universidade, baseado na opção por Educação Física, porque eu tinha toda essa história e me apaixonei

¹ Escola Estadual de Ensino Médio Professora Maria Rocha.

² Nome sujeito a confirmação.

³ Nome sujeito a confirmação.

pelo esporte. Enfim, também versei no atletismo com o professor Ivon Chagas⁴ e aí também são duas pessoas de reconhecimento, o professor Ivon acabou sendo professor da universidade aqui de Santa Maria, não sei se ele ainda é efetivo.

P. J. – Ainda é.

J. F. – Ainda é? Quando eu entrei na Educação Física aqui na UFSM⁵ lá nos idos de 1983, eu fui já diretamente participar com a equipe de handebol. Pedi para o professor Luiz Celso Giacomini outro dos meus mestres, e ele me abriu as portas, mesmo eu não tendo condições nem de ser reserva dos reservas. Mas o meu objetivo era *aprender* com a modalidade, porque na realidade eu me apaixonei pelo handebol e a partir dali e pela minha insistência, eu fui para outros lados. Recebi um convite na época do presidente da Federação Gaúcha de Handebol que era o professor Mateus Francisco Saldanha Filho para fazer um curso para árbitro porque havia um “déficit” na Federação e a partir dali eu fiz o curso. Fiz estágio com o professor Paulo Roberto Silva Lima e comecei a entrar, a militar na modalidade como árbitro e atuei em um grande período. Então meu início na modalidade, meu interesse pela Educação Física foi baseado nesses aspectos aí.

J. K. – O senhor chegou a atuar como técnico de handebol em algum clube?

J. F. – A minha carreira como técnico começou logo após a minha formação. Fiz um concurso concomitante com a minha graduação, com a colação de grau e em 31 de dezembro 1986 eu já comecei a atuar no município, só que aí, em 1990, foi que eu comecei a trabalhar com a equipe e, por ironiado destino eu comecei primeiro com a equipe feminina; assumi a equipe feminina da escola que era uma equipe forte, a gente chegou a disputar na época todas as fases classificatórias em nível de jogos escolares, só não chegamos à final porque naquele ano não teve final. Foi em um ano que não teve final e depois eu vim para Santa Maria, quatro anos depois eu... Na realidade três anos depois eu já estava de volta aqui em Santa Maria e fiquei ali um período até... Vim para o Margarida Lopes⁶, estou aqui há vinte e dois anos e desde então eu comecei a desenvolver a modalidade aqui na escola. Hoje é uma referência, a escola tem uma cultura da

⁴ Ivon Chagas da Rocha Júnior.

⁵ Universidade Federal de Santa Maria.

modalidade. Em 2005 eu comecei mais, especificamente, a trabalhar com clube. Eu já pertencia ao quadro da ULBRA⁷, em Torres que eu trabalhava lá com a instituição de ensino e eles me convidaram para assumir a equipe masculina aqui, em março de 2005. A partir de então eu comecei a trabalhar com clube: de 2005 até 2012 porque em janeiro de 2013 a ULBRA fechou a equipe masculina e aí a gente já tinha paralelo a isso criado a ASH – Associação Santamariense de Handebol. Aí a gente começou a atuar, agir, especificamente, como Associação, então, a gente tem a escola com os meninos que participam aqui das competições a nível escolar e a nível de clube e a gente tem a ASH que eu dirijo a equipe adulta masculina da Associação. Então essa é a minha trajetória enquanto participação de clubes.

J. K. – E as competições que o senhor já participou, como que é a presença do público nessas competições?

J. F. – É relativo, depende da competição, depende do tipo de competição. O que a gente nota na modalidade de handebol, é que ainda ela carece de um maior apoio popular, de uma divulgação, de uma massificação popular. Uma coisa que a gente tem que estabelecer culturalmente, porque se tu for comparar com outros esportes de ponta, a gente ainda não tem o público que os outros esportes tem. Aquele que nós gostaríamos, mas a gente tem participado de alguns eventos e às vezes com o ginásio lotado. Nós tivemos aqui um evento Pan-americano em 1994, para dar um exemplo, que foi aqui em Santa Maria... O Farrezão⁸ não tinha espaço, um lado e do outro era lotado, claro que eram seleções, enfim... Me chamou bastante a atenção em 2013 quando nós jogamos o CERGS⁹ e as finais do CERGS foi lá na Unisinos¹⁰, a arquibancada da Unisinos, o ginásio da Unisinos estava todo lotado e em nível escolar. Então em algumas competições que chama o público, chama a atenção do público. A Copa Mercosul¹¹ aqui em Santa Maria, acho que é a vigésima copa agora, aqueles jogos que atraem, que são jogos que o público sabe que vão ter ótimos embates, *sempre* há um bom número de espectadores. Agora mesmo, ontem, nós estávamos jogando a primeira fase do gaúcho aqui, para o nosso jogo que era o último jogo

⁶ Escola Estadual Professora Margarida Lopes.

⁷ Universidade Luterana do Brasil.

⁸ Centro Desportivo Municipal Miguel Sevi Vieiro

⁹ Campeonato Estudantil do Rio Grande do Sul.

¹⁰ Universidade Unisinos localizada na cidade de São Leopoldo.

da roda, que é um clássico contra o Recreio da Juventude¹², nós tivemos as arquibancadas lotadas do SEST SENAT¹³, então, depende muito da competição, depende do jogo em si. Se é um jogo realmente atrativo e que a gente percebe um número bom do público, mas ainda nós carecemos de um maior apoio popular, de uma maior divulgação, de uma maior massificação, mas a gente está no caminho, tem algumas coisas em nível de Brasil no suporte das nossas seleções que estão proporcionando isso.

J. K. – O senhor chegou a comentar que fez o curso de árbitro de handebol, saberia me dizer quem é que oferecia esse curso?

J. F. – Bom, a Federação Gaúcha na época foi ela que me proporcionou isso e eu fiz um estágio, além do curso, eu fiz um estágio. Eu fiz toda uma formação na época com o professor Paulo Roberto Silva Lima que é um dos meus mestres nessa área, e foi meu professor na universidade e também é um grande amigo. Fiz toda essa formação com ele e comecei a atuar... Eu fiz o curso em 1984 e, em 1985, eu já estava participando de competições em nível nacional. A partir daí eu fiz toda uma trajetória e as formações todas foram ou pela Federação Gaúcha de Handebol ou pela Confederação Brasileira de Handebol. Então eu fiz vários cursos em termos de arbitragem até chegar no “Nacional A” que em termos de Brasil é o topo e, depois, eu fiz as formações, as reciclagens. Enfim, eu fui fazendo durante longos anos e eu atuei como árbitro na Confederação por vinte e seis anos. Em 2011 eu larguei aqui e, em nível de estado, eu continuo atuando até para ajudar e colaborar um pouco com um pouco de experiência que eu tenho nessa área. Ajudar na formação de novos árbitros para que possam vir atuar no futuro e ajudar os que estão iniciando... Dentro do que eu puder e eles entenderem que eu possa colaborar, então, a gente está atuando aqui a nível de estado, *quando* eu não tenho envolvimento com as minhas equipes. Mais basicamente no feminino que, em 2011, eu encerrei a minha trajetória enquanto árbitro da Confederação; duas vezes eu tentei curso para Internacional, mas não deu, não conseguimos obter o grau necessário para se tornar e até porque alguns aspectos levaram... Consideraram a idade, outro aspecto é a questão política também que existe, enfim, nós não tivemos sucesso. Eu e o Giovan Amaral que era o cara que fazia dupla comigo, que a gente ficou muito tempo fazendo dupla, em nível nacional. Mas eu

¹¹ Copa Mercosul de Handebol.

¹² Associação esportiva da cidade de Caxias do Sul.

tive em 2004 um ponto que a gente considera, além de várias participações, em várias competições e em várias decisões a nível nacional do Brasil, que a gente considera assim o ponto alto, “top” da nossa participação. Foi em 2004 quando nós apitamos duas vezes, apitamos as duas finais da Liga Masculina e a Feminina; a gente ficou uma semana em São Paulo, apitou a classificatória e apitamos as duas finais em 2004. A partir dali a gente vem e atua até 2011, finalizando aqui em Santa Maria em uma Taça Brasil Feminina.

P. J. – Sabe me dizer como era a presença das mulheres de 1984 para cá nos cursos de arbitragem?

J. F. – Interessante a tua pergunta porque não existia a participação feminina. Ainda hoje há uma certa restrição, mas eu te digo assim: ela começou muito por uma imposição da Federação Internacional que o primeiro curso que eu participei onde *tinham* mulheres fazendo, foi em 1997 em São Paulo, que teve uma dupla paulista que foi a primeira dupla feminina: a Carla Righeto e a Silvana Silva, foi a primeira dupla feminina do Brasil que chegou a internacional. A partir dali houve um trabalho com as meninas, hoje no Rio Grande do Sul a gente tem um trabalho, tem dupla feminina; aqui nós temos uma acadêmica que se formou agora, defendeu estágio, que ela joga junto com as meninas também, mas fez um curso de formação ano passado promovido pela FUNDERGS¹⁴ no qual eu fui um dos ministrantes... Ela reúne todas as condições de ser uma árbitra, tem toda a capacidade e condições, basta que ela queira mas não sei qual vai ser a decisão dela. Hoje no Brasil está se trabalhando, existe várias duplas femininas, eu não sei qual é atualmente a dupla internacional, mas a Carla e a Silvana foi a primeira dupla internacional do Brasil. Elas fizeram curso em 1997, 1998, acho que em 1999 já passaram imediatamente, em 1998 elas já eram ficaram um período como árbitras internacionais e depois... Existem outras, mas a gente vê no Rio Grande do Sul ainda é pouca a participação feminina, nós temos acho que umas três, quatro árbitras. Em outros estados, por exemplo, São Paulo, Paraná tu já vê uma maior participação de duplas femininas e algumas já com distintivo da CBHb¹⁵ enfim, eu não sei te dizer ainda hoje qual é a dupla internacional feminino do Brasil e com essas formações todas que foram apresentadas, possibilitadas, disponibilizadas pela Confederação... Acho que isso começou lá em 1995, 1996, 1997 eles começaram a fazer

¹³ Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte.

¹⁴ Fundação de Esporte e Lazer do Estado do Rio Grande do Sul.

essas formações mais sistemáticas, começou a aparecer também... O Brasil começou a chegar mais também em termos internacionais, hoje a gente tem duplas respeitadas em nível internacional, então, a coisa vem evoluindo nessa área também.

P. J. – A menina daqui é a Luma¹⁶?

J. F. – Ela mesma! Isso foi uma opinião pessoal minha, eu acho que a Luma reúne todas as condições de ser uma árbitra, uma boa árbitra no handebol, pelo conhecimento da modalidade, pelo perfil, pela postura, pela imposição dela dentro da quadra... Precisa arrumar alguém do mesmo perfil dela, eu acho que tem muitas condições.

P. J. – Existem muitas duplas na arbitragem homem e mulher?

J. F. – Não, eu desconheço duplas mistas, para ser sincero eu desconheço porque o que acontece: para ti chegar em nível internacional, essa possibilidade em nível internacional não existe; a nível de Brasil pode até chegar, eles podem até permitir mas daí existem vários conflitos que convergem nesse sentido que acabam impossibilitando, a não ser que seja um casal, que daí muda a questão. Mas para ser sincero eu desconheço uma dupla mista.

J. K. – E falando agora um pouco sobre a história do handebol no Rio Grande do Sul, a gente sabe que ele iniciou no Brasil pela imigração alemã. No Rio Grande do Sul como é que isso ocorreu?

J. F. – A gente sabe que na década de 1930, com a imigração foi ao estado de São Paulo, foi o estado pioneiro, e ainda é o estado que mais se trabalha com a modalidade. Olha do conhecimento que eu tenho, a nossa Federação aqui, eu não vou recordar o ano exato que ela foi fundada, mas a gente começa a falar do handebol aqui no início da década de 1970 em nível do Rio Grande do Sul. Mas a gente sabe que ele é anterior a isso. Eu não sei te precisar quando que começou, mas o que eu tenho de conhecimento é que ali, 1970 em diante, o que é para nós, quem foi o percurso aqui no município de Santa Maria; foi o

¹⁵ Confederação Brasileira de Handebol.

¹⁶ Luma Lemos Aires.

professor Pedro Luiz Beno Lang, foi ele que trouxe o handebol para cá, ele que divulgou, ele que massificou aqui, e entrou posteriormente o professor Luiz Celso Giacomini, o professor Mateus Saldanha que também militou na área com o feminino por um tempo. O professor Celso foi o cara que realmente sistematizou e tem toda uma história, toda uma vivência, fatos históricos que marcaram a participação dele. Foi ele realmente que projetou o handebol no Rio Grande do Sul e fundamentalmente nosso município, por um período que nós éramos a referência no Brasil em termos de... Foi Pentacampeã brasileira, foi Tricampeã Sul-Americano na década... Em termos de 1975 até 1985, mais ou menos nesse período, nos fins da década de 1970 e início da década de 1980, onde tinha essa hegemonia. Grande parte dos atletas que aqui participavam eram da seleção brasileira. Quando desmontou aqui em 1986 se montou a Sadia e o professor Celso foi para lá e ficou lá em 1986, 1987 e levou grande parte dos atletas foram para lá; formou-se *três* equipes naquela época e ficou uma aqui com boas condições e capacidade, tanto era o volume de participantes que tinha e com qualidade. É importante, e que praticavam handebol, então, a do conhecimento que eu tenho foi início da década de 1970 em Santa Maria e quem trouxe para nós foi o professor Pedro Lang. A partir daí Santa Maria tornou-se uma referência e um centro da prática da modalidade que acabou fomentando para o resto do estado. Hoje atualmente a gente vê que está bem pluralizada, já tem outros municípios desenvolvendo; a realidade é outra, totalmente diferente em termos de divulgação e a gente está vendo com bons olhos, principalmente, pelo número de participantes que nós temos nas competições do estado hoje em *todas* as categorias. Coisa que é raro, o adulto masculino hoje a gente está jogando com sete equipes e a qualidade dos jogos... Equilibradíssimos, aconteceu na primeira fase agora, coisa que nós não lembramos dos últimos dez anos que isso tenha acontecido, então, a coisa tem evoluído nesse sentido e a gente tem como conhecimento que ele surgiu a partir disso aqui no Rio Grande do Sul. Em termos do Brasil foi em 1974 quando teve um curso em Santos que foi que isso começou, o handebol começou a disseminar primeiro em nível escolar no antigo JEBS que eram os Jogos Escolares Brasileiros e os Jogos Universitários... Foi a partir disso ai que o handebol se ramificou no Brasil como um todo, e em 1974, tem o fato histórico no parâmetro de um curso que foi dado em São Paulo, em Santos e que os professores que lá fizeram levaram para os seus estados. Mas acho que aqui em Santa Maria ele já começa um pouco antes no início da década de 1970.

J. K. – Saberia me dizer se quando o handebol iniciou ele era mais praticado em clubes ou escolas?

J. F. – O handebol no mundo todo nasce fundamentalmente nas escolas. Ele é um esporte que começa nas escolas e que, posteriormente, acontece a participação nos clubes. A vivência dele, a origem dele é escola; é na escola que ele começa. No Brasil e no mundo todo também se tem relato disso... Por exemplo, se vai fazer uma relação com a escola européia, pegar um país de lá, vamos pegar a Espanha, vamos pegar a Alemanha, as formações das escolas não têm nada a ver com a iniciação esportiva. São os clubes lá que dão essa possibilidade; já nós aqui é diferente: quem dá a formação toda, a base, são as escolas e os clubes de acordo com os *interesses* eles acabam pegando uma modalidade como referência e acabam desenvolvendo. Nós temos aqui o exemplo: Corinthians¹⁷ em Santa Maria é o basquete, a história do Corinthians está formada e moldada em cima do basquete. Tem algumas outras, por exemplo, a gente aqui com uma cultura de vinte e dois anos a gente está... O handebol Margarida Lopes, então, são coisas que tu cria, que tu vai criando uma cultura e que vai dando ao longo do tempo essa firmeza para que isso se torne, se perpetue ou não... Mas o handebol surge fundamentalmente no Brasil como um esporte em nível escolar. Hoje, não tanto no Rio Grande do Sul, mas em outros estados a gente já vê que existem mais clubes desenvolvendo. No Rio Grande do Sul tem coisa bem pontuada Santa Maria, mas ele é clube, o ASH, mas a base toda é formada pela escola Margarida Lopes. Aí tu vai para Recreio da Juventude em Caxias do Sul, é um clube que pega alunos, mas basicamente de escola, e por muitos anos eles tinham o Carmo¹⁸ que era a escola da onde eles pegavam os atletas. Era Carmo e Recreio, jogava como Carmo a nível escolar e como Recreio a nível estadual, então, eram os mesmos alunos ali, de uma escola. A própria UCS¹⁹ que trabalha com handebol, também tem outra escola que é o centro da formação das bases, então, vem tudo das escolas e os clubes vão pegando, que é diferente, por exemplo, da Europa onde a escola forma de uma forma, para a vida, ela forma, ela desenvolve os potenciais e os clubes direcionam para uma especificidade. Lá quando as crianças começam com cinco anos de idade, cinco ou seis anos, nós começamos com doze. A relação a gente perde, por exemplo, hoje é para eles é uma relação de oito anos de diferença do início porque, às vezes mesmo com essa diferença, a gente consegue

¹⁷ Corinthians Atlético Clube.

¹⁸ Carmo Campo Clube.

equilibrar em algumas modalidades, pela estrutura enfim, mas pela miscigenação, pela formação da nossa raça que se deu pelos imigrantes e que formou sujeitos assim já prontos, com qualidades e com todas as habilidades desenvolvidas. Habilidades não, mas com as qualidades básicas específicas de cada esporte; os caras se dão bem, por exemplo, a estatura do vôlei que era lá em 1984 quando a gente foi medalha de prata e a estatura do vôlei que é hoje. Quer dizer, houve também o desenvolvimento, houve um aumento na estatura da população, isso vem contribuindo para o esporte, mas a origem dele esta dentro da escola é lá da escola que os clubes pegam os potenciais. Lá na ASH, por exemplo, da onde eu levo? Eu levo da base daqui. Eu vou na escola, a gente vê os jogos escolares, as competições de base e aí fazem, por exemplo, uma das equipes que eu montei na ULBRA aqui que era uma equipe de ponta, eu trouxe atletas, alguns de dentro do estado do Rio Grande do Sul e convidei eles pelo que eles apresentavam nos JERGS²⁰, nos jogos escolares... Tinham potencial: “está finalizando?” “É, estou no terceiro ano.” “A gente tem a faculdade, tem alguns incentivos, não quer participar?” Enfim, então foi assim que foi formada a equipe, oriundo das escolas.

J. K. – Em relação à fundação da Federação Gaúcha de Handebol, saberia me dizer como ela surgiu?

J. F. – Olha, eu sei que ela data aí, eu acho que da década de 1960 eu não sei bem, porque a Confederação Brasileira de Handebol foi em 1969. Não sei como é que fundaram aqui, eu desconheço essa informação, eu poderia te fazer um contato direto com a Federação com o senhor Iradil Antonello, ele pode te dar essa informação com maior precisão.

J. K. – O senhor saberia me dizer quais foram às primeiras escolas que iniciaram a prática do handebol?

J. F. – Olha, o que eu vou te dizer? Em nível de Santa Maria eu posso te dizer do que eu conheço, do meu conhecimento que eu tenho, que jogavam, escolas que participavam de competições aqui como o Patronato Agrícola Antônio Alves Ramos que a minha origem. O

¹⁹ Universidade de Caxias do Sul.

²⁰ Jogos Escolares do Rio Grande do Sul.

Maneco²¹ tinha o handebol, o Cilon Rosa²², o Maria Rocha²³, o Coronel Pilar²⁴, o Rômulo Zanchi²⁵ e o próprio Margarida Lopes que na minha época também tinha. O professor Nilton trabalhava aqui e teve uma colega, a professora Helena Burlamaqui²⁶, foi quem começou com o handebol aqui no Margarida, depois veio o professor Nilton para cá. Mas em Santa Maria são essas escolas que eu posso dizer que tinham o handebol. Tinha também o Fátima²⁷ na minha época... A Escola Fátima, hoje em dia que a gente sabe que participa que tem, o Margarida que continua, o Colégio Militar²⁸, tinha o Augusto Ruschi²⁹ da minha época também... O que eu lembro daquela época é que tinham bastante escolas participando, tinham os Jogos Antifumo³⁰, tinham os Jogos da Primavera... Hoje a gente está restrito ao JESMA, os Jogos Escolares de Santa Maria e o JERGS que são duas competições que oferecem para que essas escolas possam participar. A Copa Mercosul que esta na vigésima primeira edição, não sei te dizer qual é a edição exata da Copa Mercosul, que possibilita a participação das escolas, então, em nível do Rio Grande do Sul o que eu posso te dizer... Mas a gente sabe que em Porto Alegre tem a própria Associação Cristã de Moços que é uma das responsáveis pelo fomento do esporte, isso aí não é só no handebol, é no basquete também e tem outros, mas em nível de Santa Maria que eu lembro são essas escolas que começaram. Clube, o primeiro clube que teve que possibilitou a participação, representação do município em nível nacional foi o Corinthians, depois era a universidade, daí tinha o Corinthians e a universidade por muitos anos, a ADUFSM³¹ e o Corinthians, o Corinthians era mais a base e a ADUFSM era mais adulto, então havia uma migração desses meninos lá do Corinthians, aqui para a universidade.

J. K. – Na sua opinião, na atualidade aqui no Rio Grande do Sul quais são as cidades que o handebol tem maior projeção?

²¹ Escola Estadual de Educação Básica Manoel Ribas.

²² Escola Estadual de Ensino Médio Cilon Rosa.

²³ Escola Estadual de Ensino Médio Professora Maria Rocha

²⁴ Colégio Estadual Coronel Pilar.

²⁵ Colégio Estadual Padre Rômulo Zanchi.

²⁶ Nome sujeito a confirmação.

²⁷ Colégio Nossa Senhora de Fátima.

²⁸ Colégio Militar de Santa Maria.

²⁹ Escola Estadual de Educação Básica Augusto Ruschi.

³⁰ Nome sujeito a confirmação.

³¹ Associação Desportiva da Universidade Federal de Santa Maria.

J. F. – Sapiranga teve uma época com a equipe feminino do professor Cláudio Augutin por muitos anos, chegou a ser campeã da Liga Nacional; Sapiranga foi um centro, depois o professor se aposentou, e hoje acho que a base ainda continua, mas não com tanta evidência como era antigamente. Caxias do Sul é uma cidade que sempre teve a modalidade representativa e forte. A própria característica lá da população favorece, os gringos são fortes, então, tem a equipe feminina lá da APAHAND³², UCS que joga a Liga Nacional já há bastante tempo; tem a equipe masculina que eles estão começando a montar, a equipe forte, aparece a UCS no masculino e o Recreio da Juventude, quer dizer, existem dois clubes lá desenvolvendo a modalidade. Campo Bom *sempre* foi o centro da prática da modalidade. Porto Alegre, Campo Bom, Novo Hamburgo, Sapiranga, Caxias do Sul e Santa Maria, né! A gente sempre foi referência no estado também. Hoje começa a aparecer em Santa Rosa que tem um trabalho legal; começa a aparecer na base, começa a aparecer em São Gabriel que tem um trabalho que está sendo na base muito bom; Uruguaiana começou a participar do Campeonato Gaúcho com um trabalho de base, então, o que eu tenho observado, que tem ampliado as cidades que estão começando a fomentar e desenvolver a modalidade. Houve aqui em Santa Maria também o SEST SENAT que abriu um centro olímpico de treinamento com a base... Quer dizer, então, está começando uma maior participação hoje. Eu acho que muito pelo que vem sendo divulgado na mídia, vem muito do mundial que a equipe feminina ganhou, vem muito do que vem sendo mostrado do masculino, enfim, essas coisas que estão aparecendo mais e então começa a aparecer, começa a ter uma maior massificação, começa a aparecer mais participantes. Os próprios colegas dentro da escola começam a ter um interesse maior de desenvolver a modalidade, então, eu vejo essas cidades assim como referência. Itaqui que é uma cidade da fronteira que tem um evento que vai para o terceiro ou quarto ano que eles desenvolvem um torneio. Bagé tem, Pelotas que foi sempre uma base, era referência, eram equipes que tinha boa estrutura, bem desenvolvida, começa novamente a fomentar, começa a aparecer. Eu acho que está diversificando bastante dentro do Rio Grande do Sul. E a gente espera que a gente possa chegar a médio, longo prazo começar a competir com os outros estados em condições.

J. K. – Como o handebol é um esporte olímpico, como tu vê a participação do Brasil e do Rio Grande do Sul em campeonatos?

³² Associação dos Pais e Amigos do Handebol.

J. F. – Bom, nós no Rio Grande do Sul precisamos participar mais. A gente esbarra na questão estrutural. Nós sabemos que as políticas públicas de incentivo ao esporte não atendem realmente às demandas e, muitas vezes, elas estão muito burocratizadas, que impossibilitam que a gente possa... Que associações novas possam participar, tenham direito de participar e porque tem gente lá há mais tempo já estabelecida, então, nós precisamos de uma estrutura. O Rio Grande do Sul historicamente não tem essa característica de fomento ao esporte, de apoio ao esporte. Mas, tu vai me dizer: “Mas temos a FUNDERGS, criamos uma lei de incentivo ao esporte.” Só que a lei criada de incentivo ao esporte, eu te digo assim: “Eu preciso de R\$ 100.000,00.” Ela me obrigada que eu tenho que ter uma contra partida de 20%, então eu tenho que depositar R\$ 20.000,00 em uma conta para poder captar R\$ 80.000,00. Quer dizer, uma Associação como a nossa, de onde que a gente vai tirar R\$ 20.000,00 para poder concorrer a esse incentivo estadual? Então, existe no papel, mas tu conseguir captar é outra história, é totalmente diferente... Sem essa estrutura tu não consegue estar organizado com a equipe, com o fardamento, com a comissão técnica, com todas as condições de poder bancar uma estrutura para desenvolver, poder participar de torneios, poder crescer e aí começar a participar no Brasil, onde outros estados já tem outra visão, estão melhor organizados, tem estrutura, tem apoio, tem incentivo e, em consequência, tem um nível na prática da modalidade muito acima da nossa. Então muitas vezes a gente vai lá, tecnicamente, enfim, taticamente a gente até que faz alguma coisa, mas a gente perde na velocidade do jogo, que é totalmente diferente; a gente perde no nível de experiência que os caras estão muito mais a frente da gente em função da rodagem... A gente perde na questão estrutural que os caras têm e a gente não tem. Então, o Rio Grande do Sul, para poder chegar a participar em nível de Brasil, ainda vai precisar de um maior aporte, de maior estrutura para que possa... As pessoas que têm condições, que têm capacidade, que tenham a tranquilidade de trabalhar com os talentos e consigam desenvolver grupos com qualidade e capacidade de poder jogar de igual para igual em termos de Brasil. Como questão olímpica a nossa participação, a gente sabe que o feminino já chegou, pela estrutura, pelo que foi feito, pelas condições que foram dadas... As meninas foram para a Europa começaram a participar, tinha nove ou dez delas jogando no mesmo grupo, jogando a Liga Europeia, enfim, desenvolveu. Resultado: Campeãs Mundiais, seleção Campeã Mundial que vem para os

Jogos Olímpicos³³ com condições de buscar medalha. O masculino estava no mesmo processo, com as formações que tem sido proporcionadas pela Confederação, são os acampamentos que desenvolvidos pelo professor Júlio de Oliveira que vem formando atletas ao longo dos anos para poder chegar nas seleções. E aí já tem gente das seleções, vários atletas do masculino estão também jogando na Europa. Lá eles estão pegando a velocidade do jogo, estão pegando experiência, estão pegando rodagem e estão vindo para cá e o masculino já tem feito jogos *mais* equilibrados com as principais seleções do mundo. Eu acho que a gente vai chegar, o masculino está chegando, ele está jogando, não é mais dez, quinze gols de diferença como era, é dois, três... As coisas estão ficando apertadas, o Brasil tem ganho também de seleções importantes. Agora está se realizando o Mundial Junior em Minas Gerais, então, o Brasil vem evoluindo nesse sentido e eu acho que ele vai chegar... Não sei se ele chega nos Jogos Olímpicos já em condições de brigar por medalha, mas eles estão no mesmo caminho do feminino e o feminino existe com toda essa perspectiva em função dos resultados que já mostrou. É uma das seleções que vai brigar por uma medalha olímpica; o masculino oxalá nós possamos conseguir isso, mas está no caminho, se não for agora, mais cedo ou mais tarde vai chegar.

J. K. – E a participação do Rio Grande do Sul em campeonatos universitários e jogos escolares?

J. F. – Bom, em nível escolar a gente vem participando já ao longo dos anos Nós em 2013 participamos no infantil e no juvenil com a nossa escola que a gente ganhou o JERGS e ganhou o CERGS. Ganhamos as duas principais competições, porque a gente... Uma a gente ganhou, em 2013, quem ganhava o CERGS era o representante do Rio Grande do Sul nos jogos e a gente ganhou com as duas categorias e representamos o Rio Grande do Sul. A gente chega lá e qual é a realidade que a gente encontra? A gente chega lá e sente a necessidade de jogo para os meninos, a necessidade de eles terem a velocidade daquele jogo que é jogado porque eles não *têm* a frequência dessas participações que os outros estados têm. Aí gente chega lá ganha três jogos, perde um e volta para casa porque quatro classifica só o primeiro; tem que ganhar todos para poder chegar, daí tu ganha três e perde um e está fora. E esse um que a gente perdeu foi uma bola, duas bolas, então, a gente está jogando em nível escolar equilibrado. No universitário, a gente estava na época a ULBRA

³³ Referência aos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro.

e foi campeão brasileiro, em 2008 lá em Maceió. Mas como é que a gente chegou lá? Foi na segunda, não foi a principal, não foi a “top” que era onde participavam as principais equipes do Brasil. A gente conseguiu, era um nível. Nos outros anos a gente voltou e o máximo que a gente conseguiu foi terceiro lugar, porque evoluiu muito o nível para o trabalho que está sendo feito naquela região e que não é feito aqui porque não tem esse incentivo político financeiro. Não tem essa cultura de apoio, não existe isso. Mas as equipes universitárias têm participado desses jogos e a gente não está no principal grupo; a gente está lá no segundo, no terceiro grupo... Tem que ter uma mudança de apoio e de incentivo de consciência e de cultura de apoio ao esporte no Rio Grande do Sul para que não só o handebol chegue, mas outras modalidades também possam chegar.

J. K. – E como que tu enxerga o papel da Federação Gaúcha de Handebol e da Confederação Brasileira de Handebol no cenário do handebol feminino?

J. F. – Eu acho que o feminino chegou no topo porque houve um apoio, houve uma estrutura, houve um incentivo, houve um trabalho diferenciado que agora o masculino está tentando fazer da mesma forma. Está seguindo o mesmo caminho, está seguindo os mesmos passos e por isso que o feminino chegou lá... Eu acho que aprendeu-se muito com essa estrutura, com esse apoio, com esse aporte, com a lição que o feminino deu para o Brasil como um todo e agora esta se fazendo o mesmo caminho o mesmo trajeto com o masculino, para também poder chegar lá. Mas nós sabemos que hoje o Brasil é referência na Federação Internacional como o país número um no *Handbeach*. O Brasil é o atual bi, tri ou tri e tetra eu não sei... É o atual tanto no masculino quanto no feminino, são os atuais campeões mundiais no *Handbeach*... Claro que nosso país oferece uma orla muito grande e favorece, mais para o Rio de Janeiro e lá para cima onde estão as equipes que realmente mais trabalham *beach*. A a gente aqui tenta, participamos em um brasileiro de *beach* em São Paulo, até que a gente conseguiu, tinha uma estrutura física, enfim, alguma coisa, mas o que nos faltava lá era vivência, experiência e um manejo do jogo que a gente não tinha porque aqui a gente está fora desse cenário digamos assim, pela própria característica geográfica. Nos faltou o manejo do jogo, então, a gente precisa que a Federação... A nossa Federação é um organismo que tem CNPJ³⁴ constituído e que pode estruturar politicamente, buscar recursos politicamente e *montar* algumas seleções de base para que

³⁴ Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica.

essa molecada possa sair e possa participar desses eventos de ponta, fortes. E eles retornando para cá sirvam de espelho, sirvam de incentivo aos demais e, justamente, que eles possam contribuir, eles possam corroborar com esses que estão praticando, para os que estão começando e dar essa vivência, ajudar nessa formação. Eu acho que esse é um fator importante que a Confederação vem fazendo com os acampamentos; ela vem fazendo os acampamentos todos os anos nas categorias infantis, na categoria cadete juvenil, que vem formando esses atletas para que eles cheguem lá na categoria adulto. Isso são coisas importantes que estão se fazendo. Eu vejo que em termos de Federação Gaúcha ela precisa buscar mais isso, fazer esse tipo de coisa, fazer essas formações com os alunos, com os técnicos e com os árbitros. Eu vejo que hoje a gente tem um quadro de árbitros muito velho que precisa renovar, mas como é que tu vai renovar? Através de formação, através de curso, abrir o espaço para que esses talentos que estão aparecendo possam exercer a sua prática e aí precisa que essas pessoas estejam aptas, que elas estejam abertas para poder fazer esse tipo de coisa.

J. K. – Tu acredita que a Federação Gaúcha de Handebol tenha algum projeto de visibilidade para o handebol?

J. F. – Se ela tem um projeto específico para a visibilidade do handebol eu desconheço. O que ela faz é fomentar as competições de clubes, por exemplo, a competição quem paga somos nós. A gente paga para jogar, entendeu? A Federação ela não te dá: “ó vocês vão ter tudo custeado.” Somos nós que pagamos para jogar, então, agora aqui para jogar essa fase aqui a gente gastou de arbitragem quase quinhentos reais. No total nós gastamos três mil reais para fazer a fase aqui, porque nós tivemos que pagar alojamento para as equipes, porque tu não consegue apoio e incentivo para o alojamento; nós tivemos que pagar o ginásio para poder jogar porque o ginásio público estava cedido já para outro evento. Então tu choca com essas questões porque às vezes o calendário é extenso e o poder público tem que atender todas as modalidades. Então, tu consegue espaço quando tu chega primeiro e para ti chegar primeiro e solicitar espaço precisa de uma organização, que ela esteja realmente organizada lá no início, que já tenha as datas todas certas... Tu vai lá e pega, mas muitas vezes essas datas trocam durante o ano porque sempre ocorre um imprevisto, alguma coisa que não dá possibilidade de seguir com aquela data. Daí tu perde, tu não tem mais o espaço, tu vai tentar em outra data e ele já está comprometido com outra

coisa, aí tu é obrigado... Aqui em Santa Maria há muito tempo criou-se a cultura do pagar; tudo tem que pagar: a gente vai alugar as equipes tem que pagar, a arbitragem, obviamente, tem que pagar, aí tu vai jogar em um ginásio que não é um ginásio público onde a gente tem uma parceria com o município, tem que pagar. Então o que acontece: você não vê realmente um projeto que: “ó a gente vai buscar, captar recurso em nível federal, em nível estadual” até porque a nossa realidade está complicada, a questão dos projetos dificilmente vai se conseguir algum incentivo esse ano e a própria Liga Nacional que a gente estava inscrito para jogar a gente não vai jogar porque eles iriam dar uma ajuda de custo como deram no passado... Esse ano já disseram que não tem, o Banco do Brasil não vai dar, a Caixa Econômica Federal não vai dar, quer dizer, a crise, a conjuntura hoje impossibilita isso. Então a Federação tem que buscar esses tipos de recursos em nível estadual, em nível federal e fomentar a modalidade dentro do estado através de cursos, através de formação, através de reciclagem, isso sim é um projeto, no meu entendimento, de massificar e fomentar a modalidade no estado.

J. K. – Teria mais alguma coisa que eu não te pergunte, e que tu gostaria de compartilhar?

J. F. – Olha, o Brasil vem evoluindo bastante na modalidade e tem uma das coisas que vem colaborando bastante que é esse intercâmbio com os técnicos estrangeiros que estão vindo para cá. Eu quero dizer que a gente observa que tem muita gente com capacidade, com qualidade, mas não tem a vivência que eles têm lá, que eles trazem de lá para nós. É importante essa vivência, a questão do planejamento, a questão da organização, agora sem estrutura sem condição para que o esporte possa realmente ser desenvolvido ninguém chega a lugar nenhum. A gente vê surgindo trabalhos, a gente vê trabalhos fantásticos e são trabalhos que acabam morrendo... A partir da escola chega ali no juvenil eles não têm onde jogar, muda, tem necessidades que a vida impõe ao sujeito, que ele tem que estudar, ele tem que trabalhar e ele não pode seguir praticando a modalidade, porque senão ele... Segue a vida, são fases. E se nós tivéssemos uma estrutura que pudesse comportar esses sujeitos, que desse a possibilidade de que ele continuasse trabalhando, continuasse vivenciando, desenvolvendo o esporte, desenvolvendo a modalidade independente da situação, da vida, do que ele tiver fazendo, eu acho o Brasil poderia ser, com certeza, uma das potências mundiais em todos os esportes porque a gente carrega o DNA da nossa miscigenação racial... A gente tem isso é de norte a sul, do Oiapoque ao Chuí a gente tem isso. Agora o

que eu vejo em termos de Brasil, não existe uma escola do esporte, o próprio futebol que é badalado “bambambam” no esporte, eu desafiei eles em um seminário que eu fiz em Porto Alegre... Eles não têm uma escola, não existe uma escola de formação como a Alemanha nos mostrou na Copa... É o que a Confederação vem fazendo com essas clínicas, que vem fazendo todos os anos e que isso vem realmente padronizando, como que deve se desenvolver, não que seja padrão a palavra na sua concepção, mas que mostre para todos como que é o processo, desde a iniciação até chegar o alto nível... Planejamento, organização, execução, agora com estrutura. Sem estrutura não tem jeito e a gente tem que mudar essa cultura no país. Eu vejo em alguns estados, nós Rio Grande do Sul estamos atrasados, super atrasados. Santa Catarina já melhora um pouco, Paraná é outra realidade, São Paulo dá de relho em todo mundo, Rio de Janeiro tem alguma estrutura, Espírito Santo começa a aparecer na modalidade... Os estados do nordeste, em função da Confederação estar muito tempo em Aracajú, o que aconteceu? Ela fomentou isso lá, vários cursos... Eu fiz um curso em Maceió em 2010, aliás, em Recife; eu fui para Recife fazer um curso em 2010, porque logo uma semana depois eu soube que esse curso ia ser ministrado aqui em Chapecó e eu fui lá fiquei uma semana fazendo um curso lá com francês, com espanhol, quer dizer, isso lá pela facilidade pela proximidade... Tinha representantes de todos os estados lá pela proximidade, então foi bastante fomentado, hoje aparece... Antigamente a gente ia jogar com eles e era terra de índio. Hoje não: hoje nós somos os índios e eles são os caciques; somos nós que tomamos laço. Lá em cima é outra realidade, então, a gente precisa ser desenvolvido, tem que ter uma escola que desenvolva tudo isso no Brasil de uma forma única, mas com apoio, com a cultura de apoio ao esporte, para que ele possa realmente ser desenvolvido senão a gente vai sempre estar participando... Eu acho que existe um caminho, uma estrada muito longa ainda.

J. K. – Então era isso, eu agradeço em nome do Centro de Memória do Esporte.

J. F. – Capaz, é um prazer.

[FINAL DA ENTREVISTA]